

JOSÉ DE ALENCAR E O REFERENCIAL TEÓRICO LINGÜÍSTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Elisa Guimarães
Universidade de São Paulo
Universidade Mackenzie

RESUMO: *Este ensaio propõe-se a demonstrar o pioneirismo de José de Alencar como um dos iniciadores da reflexão acerca do fazer literário e da natureza da Língua. Fundamentado em trechos da obra do autor, o estudo mostrará que, no que diz respeito mais estritamente à Língua, José de Alencar, como os demais românticos, foi mais ousado na teoria do que na prática. A rebeldia às formas e aos princípios do classicismo – componente do ideário romântico – dificilmente se patenteia na expressão de Alencar, conservadora e nativista ao mesmo tempo.*

Palavras-chave: *Língua Portuguesa – Léxico – Estilo.*

ABSTRACT: *The main focus of this essay is to demonstrate the leadership of José de Alencar as one of the first authors concerned with the reflection on the literary matter and the nature of language. Based on some passages extracted from the author's literary work, this study will show that, as far as the language is strictly concerned, José de Alencar, like the other romantic authors, was more daring in theory than in practice. The irreverence against the forms and the principles of the Classicism - components of the romantic ideas – can be hardly noticed in Alencar's expression, which is both conservative and nativistic.*

Key words: *Portuguese Language - Expression – Style.*

Viveu José de Alencar numa época em que despertavam novas concepções orientadoras dos estudos lingüísticos, que reagiam, no século XIX, à gramática filosófica ou logicista – dominante nos séculos XVII e XVIII – segundo a qual devia haver harmonia absoluta entre a razão e a língua, sendo esta qualquer coisa de estável, de fixa, regulada pela razão universal.

É nesse clima de busca de renovação que se faz sentir o pioneirismo de José de Alencar como um dos iniciadores da reflexão acerca do fazer literário e da natureza da Língua.

Esse envolvimento é, à primeira vista, surpreendente, pois, apesar de ser a Língua matéria-prima do escritor, não constituía, para os românticos, objeto de análise refletida.

O que passa a distinguir dos contemporâneos o autor em destaque é a consciência de que o artista se faz pelo domínio do seu instrumento de trabalho.

Romancista por excelência, não começou, entretanto, pelo romance, mas pelo jornalismo.

Suas crônicas reunidas sob o título *Ao Correr da Pena*, publicadas no jornal *Correio Mercantil* (1855), pertencem ao documentário do Rio de Janeiro e revelam muito do seu empenho em refletir sobre a Língua Portuguesa.

Excertos dessas crônicas apontam para o gênio do escritor tratando do problema da nacionalização da Língua que, para ele, não consiste em traduzir

termos estrangeiros, em dizer, por exemplo, **cortado** por **coupé**, nem em misturar o português com o tupi.

Nessas mesmas crônicas já expõe opiniões sobre estilo, esclarecendo que

Isto a que vulgarmente chamam exagerações são apenas os arrojos de imaginação do artista, os primeiros esboços de sua criação que ele ainda não teve tempo de polir e de limar (1855: 11.).

Aliás, uma das primeiras preocupações de José de Alencar é a que se refere ao estilo. Em *Como e porque sou romancista* (1955 : 58), deixa claro não ser possível haver independência cultural e literária, caso continuássemos a escrever segundo os modelos portugueses, em desacordo com a nossa realidade lingüística própria.

Sua preocupação, como observou Gladstone Chaves de Melo (1951), era criar um estilo brasileiro, um modo de escrever que refletisse o espírito de nosso povo, as peculiaridades sintáticas e vocabulares do falar brasileiro. Viveu José de Alencar numa época em que despertavam novas concepções orientadoras dos estudos lingüísticos, que reagiam, no século XIX, à gramática filosófica ou logicista – dominante nos séculos XVII e XVIII – segundo a qual devia haver harmonia absoluta entre a razão e a língua, sendo esta qualquer coisa de estável, de fixa, regulada pela razão universal.

É nesse clima de busca de renovação que se faz sentir o pioneirismo de José de Alencar como um dos iniciadores da reflexão acerca do fazer literário e da natureza da Língua.

Esse envolvimento é, à primeira vista, surpreendente, pois, apesar de ser a Língua matéria-prima do escritor, não constituía, para os românticos, objeto de análise refletida.

. Mas o que, afinal, se concretizou foi um estilo próprio do autor José de Alencar, nem mesmo um estilo brasileiro, o que vai sendo demonstrado ao longo destas nossas reflexões.

Saliente-se, contudo, o fato de haver o autor enriquecido a língua literária, acrescentando-lhe tupinismos e brasileirismos – o que contribuiu, sem dúvida, para a singularidade do seu estilo.

Ainda quanto ao que se refere ao estilo, a quase obsessão de Alencar reflete também sua intenção de fundir numa só unidade aspectos contedúísticos e formais. Observe-se que essa tendência não é a dos românticos em geral que tinham a forma por intocável – sob pena de perder-se a espontaneidade, padrão de autenticidade no uso da Língua.

É declaração do autor : “*Poucos darão mais, senão tanta importância à forma do que eu*”(1965: 161).

Esse fato explica, por certo, a intensidade de reação de José de Alencar diante das críticas a aspectos formais de sua obra. Críticas que contabilizaram longas e valiosas páginas como réplica firme e convincente. A necessidade de defesa e revide não decorreria, por certo, apenas de seu temperamento polêmico e de sua posição política, aspecto este que pretendia manter independente do escritor; decorreria também e talvez principalmente de sua concepção própria de arte.

Quanto às críticas que não o pouparam, é momento de lembrar aquela que lhe fez Pinheiro Chagas a propósito do romance *Iracema*, cobrando-lhe um

objetivo que, aliás, o escritor não teve em mira – como já comentamos – ou seja, a criação de uma “*língua brasileira*” (1827: 221).

Foi também criticado por Henriques Leal de quem é a seguinte objeção, lamentando que talento tão superior como Alencar.

Não se aplique ao estudo da língua com mais interesse e sem prevenções. Por enquanto sua linguagem e estilo são descuidados e, por vezes, desiguais e frouxos (1874 : 214-215).

Ainda José Feliciano de Castilho e Franklin Távora, na revista-panfleto *Questões do Dia*, editada para servir à campanha que promoveram contra José de Alencar criticam duramente o autor – crítica a respeito da qual Gladstone Chaves de Melo assim se manifestou (1871 : 20) :

É uma campanha de desmoralização e de descrédito, organizada e levada a efeito com técnica e minúcia, um ataque sistemático e constante ao político, ao jurista, ao dramaturgo, ao romancista, ao escritor. Sobressaem nessa mesquinha atividade José Feliciano de Castilho, Cincinato e Franklin Távora, Semprônio, apostados em reduzir os méritos literários de Alencar. É crítica soez, feita a retalhos. Castilho é o tipo do caturra, gramaticóide estreito, exsudando latim e erudição clássica por todos os poros, arvorando-se em mestre de bom gosto.

Críticas ainda mais contundentes são de autoria de Joaquim Nabuco – comentários que vieram a público sob o título **A Polêmica Alencar-Nabuco** (1965).

Em seguida à publicação da peça *O Jesuíta*, que sofreu um verdadeiro fracasso de público e de crítica, José de Alencar, no jornal *O Globo* (1874), censura a indiferença do público, a qual, segundo o autor, estaria revelando um desinteresse geral pelo texto nacional.

Joaquim Nabuco replica a esse artigo e anuncia uma série de outros artigos sobre a obra literária de José de Alencar. Trava-se, então, a propalada polêmica Alencar-Nabuco.

Respondeu Alencar a todos os críticos, quase sempre com vantagem.

A Pinheiro Chagas responde :

Acusa-nos o Sr. Pinheiro Chagas, a nós, escritores brasileiros, do crime de insurreição contra a gramática de nossa língua comum. Em sua opinião estamos possuídos da mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português ! Que a tendência, não para a forma de uma nova língua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existe no Brasil, é fato incontestável. Mas, em vez de atribuir-nos a nós, escritores, essa revolução filológica, devia o Sr. Pinheiro Chagas, para ser coerente com sua teoria, buscar o germe dela e seu fomento no espírito popular, no falar do povo, esse “ignorante sublime”, como lhe chamou.

A revolução é irresistível e fatal como a que transformou o persa em grego e céltico, o etrusco em latim, e o romano em francês, em italiano, etc; há de ser larga e profunda como a imensidade dos mares que separa os dois mundos a que pertencemos (1965 : 241-243).

Talvez ainda mais significativa é a resposta a Henriques Leal, para quem o autor de *O Guarani* tinha um *estilo frouxo e desleixado*”.

Refuta o autor, aludindo ao estilo clássico como caracterizado por pesado, monótono e prolixo, ainda que prenhe de beleza histórica, porém distante da possibilidade de dar “*perfeito colorido à idéia*”. Afirma mesmo ser impossível

expressar no estilo clássico “*energias do pensamento e cintilações do espírito*”(1948 :200).

A essas afirmações, acrescenta Alencar um comentário estilístico de um trecho de Frei Luís de Sousa, tentando reescrevê-lo à moderna. Mas o interessante é que poucas modificações passaram a ser feitas, como, por exemplo, uma substituição de um período estruturado em oito orações subordinadas por outro organizado em seis orações da mesma espécie.

É válido ainda notar na postura do autor a convicção de que polemizava com alguém ou com outros os quais sobrepujava em matéria de arte. Seus acusadores – parece – pairavam bem aquém das condições de que dispunha o Alencar enlevado com o problema da língua nos seus traços artísticos, ou seja, na sua expressão literária.

Como que prevendo comentários desairosos a seus propósitos ligados a inovações de ordem lingüístico-literária, já em 1865, na 2ª edição de *Diva*, Alencar acrescenta um “Poscrito” e uma “Nota “final. Advoga no “Poscrito” a legitimidade da diversificação da Língua Portuguesa no Brasil – defesa alicerçada no caráter da Língua enquanto organismo vivo, sujeito, portanto, a constantes mudanças, uma vez instrumental do processo de comunicação de seus usuários.

Na “Nota”, o autor aborda especificamente alguns pontos articulados com o léxico da Língua. O léxico, aliás, projeta-se como uma das faces do sistema lingüístico mais freqüentemente objeto do interesse e dos propósitos inovadores do autor.

No campo lexical, os neologismos e os galicismos são particularmente matéria da crítica por parte daqueles que polemizaram com o romancista, o qual, freqüentes vezes, tece comentários a respeito dessas duas variantes. Assim, por exemplo, no “Pós-escrito” da 2ª edição de *Iracema* (1965 : 168) retoma a questão dos neologismos em resposta a Pinheiro Chagas, que, em seus *Novos Ensaios Críticos* (1867), censura nos brasileiros o hábito de “*tornar o brasileiro uma língua diferente do português por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de insubordinações gramaticais*”.

Para o romancista, o neologismo representa prova irretorquível do processo de constante florescimento da língua, e constitui-se como fato cuja ocorrência se explica com maior evidência entre as línguas faladas em meios diversos, como é o caso da Língua Portuguesa.

Quanto aos galicismos, lembremo-nos de que, numa época de geral influência francesa, seria impossível evitar os francesismos. Talvez por força dessa influência, quando escrevia os folhetins *Ao Correr da Pena* (*Folhetim de 21-01-55 – apud Raimundo de Menezes*), Alencar recebera da imprensa o apelo para que fossem evitados os galicismos, em benefício da “nacionalização da língua”. Naquela ocasião, conforme o comentário de Edith Pimentel Pinto (1965), ainda não envolvido em questões de língua, Alencar retruca, perguntando em tom irônico “*Mas que quer dizer nacionalizar a língua portuguesa? Será misturá-la com o tupi? Ou será dizer em português aquilo que é intraduzível e que tem um cunho particular nas línguas estrangeiras?*”(1855: 76).

Observe-se, por essa passagem, a evolução dos pontos de vista de Alencar em relação à carga lexical do português do Brasil – posição, vinte anos depois, oposta à inicial, patente na sua pergunta-resposta à imprensa daquela época.

No “Poscrito” de *Diva*, (1891), deixa clara a identificação do galicismo como fator de enriquecimento da língua. À crítica sobre o emprego do termo “élance” pondera que o que vem do latim tanto é francês quanto português. No mesmo “Poscrito” (1891 : 165), apresenta duas restrições à adoção de galicismos : 1) se o termo constitui idiotismo na língua de origem (por ex. “tratamento do emprego” por “estipêndio”); 2) se na língua de adoção só for admitida uma acepção (“endossar a letra” mas não “endossar a casaca”).

Ainda no âmbito do léxico, antecipa-se o autor a possíveis ataques – e, de fato, como vimos, os enfrentou com frequência – quando publica, em 1872, o prefácio “Bênção Paterna” no romance *Sonhos d’Ouro*, constando de idéias gerais sobre a língua e a literatura no Brasil as linhas fundamentais desse prefácio. Confessa aí seu intuito no sentido de retratar a sociedade fluminense que fala “*a língua do progresso, jargão erigido de termos franceses, ingleses, italianos e agora até alemães*”.

Cumprindo ainda valorizar a vastidão do vocabulário de que se vale o romancista, principalmente nos romances que focalizam a paisagem brasileira, vista como uma riqueza característica nossa, ao mesmo tempo que como um elemento que ressalta o patriotismo romântico.

É também de Alencar o mérito da tentativa de aproximar a linguagem literária da linguagem falada, afastando seus textos dos padrões portugueses. Ainda que nunca efetivamente consolidada, a gramática de base popular fez parte dos propósitos de Alencar – o que fica sugerido no pós-escrito de *Iracema*. Era seu propósito aliar-se àqueles que pretendiam introduzir nos centros de interesse da sociedade o mito do povo soberano e demiurgo.

Assim se expressa o autor em *O Nosso Cancioneiro* (1962):

“Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, devemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhes traduz os usos e sentimentos.

Não era outro o pensamento de Gonçalves Dias, em carta ao Dr. Pedro Nunes Leal – documento de alta importância lingüística e literária : “ *A minha opinião é que, ainda sem o querer, devemos de modificar altamente o Português (...) para dizer o que hoje se passa, para explicar as idéias do século, os entimentos desta civilização, será preciso dar novo jeito à frase antiga* (1921 : 131).

Visava-se marcar o novo estilo com um caráter revolucionário – o que denotaria a participação da arte nas transformações políticas e sociais por que passara o mundo ocidental a partir da Revolução Francesa, em 1789.

O Romantismo, com seu ideário de libertação, afasta-se do ideal dos clássicos que sabemos ter sido elevar a língua portuguesa ainda tosca e singela, que os antepassados medievais haviam forjado, à riqueza e elegância do latim literário. Por três séculos, nossa língua foi elaborada por escritores eruditos que, tendo formado seu senso estético nos moldes latinos, se expressavam aristocraticamente, quer aspirassem à grandiosidade épica ou à pompa oratória, quer à doçura lírica ou à densidade dramática, quer à narrativa histórica ou ao processo argumentativo.

Simultaneamente, os gramáticos e professores do idioma foram estabelecendo as normas para o seu uso “correto”, sem cogitar de outras fontes de exemplificação que não fossem os bons escritores.

Como já foi observado neste ensaio, dificilmente, entretanto, José de Alencar se mostrará inteiramente despojado da influência, ou mais ainda, da imitação dos

clássicos, como, aliás, a maioria dos românticos que se mantiveram muito ligados aos cânones do classicismo. Pense-se, por exemplo, na linguagem vincadamente marcada pela pompa, muito próxima dos ditames da estética clássica, exibida nos romances urbanos de José de Alencar, tais como *Senhora, Diva e Lucíola*.

A jeito de conclusão

Das considerações tecidas ao longo deste ensaio, pode-se concluir sobre o papel pioneiro e precursor de José de Alencar – escritor e artesão – no que diz respeito a uma tomada de consciência nacional, configurada no apreço a questões lingüísticas e literárias.

Trata-se do autor que abraça uma posição de compromisso com o seu tempo, com a sua sociedade, com os seus contemporâneos, com o seu país.

Os numerosos documentos alencarianos (polêmicas, depoimentos, prefácios, posfácios, cartas) situam o leitor diante não apenas de alguém extremamente zeloso de sua própria obra, cômico de que a estava construindo não caótica ou aleatoriamente, mas com um sentido, um plano (o que já foi sobejamente enfatizado pela crítica), mas também de alguém profundamente preocupado com a dignidade profissional do escritor brasileiro, ao mesmo tempo que extremamente cômico de sua luta, do limite de suas perspectivas.

No que diz respeito mais estritamente à língua, José de Alencar, como os demais românticos, foi mais ousado na teoria do que na prática. Difere, freqüentemente, sua posição teórica, em face de problemas da língua, da atitude assumida na prática. Nas polêmicas – como vimos – surpreendem-se afirmativas demasiado incisivas, muito longe de corresponderem à sua prática lingüística. A rebeldia às formas e aos princípios do classicismo – componente do ideário romântico – dificilmente se patenteia na expressão de Alencar – expressão que se pode rotular de conservadora e nativista ao mesmo tempo. Assim, atém-se freqüentemente à linguagem clássica, o que contraria, aliás, seu comentário de que “*a principal condição do estilo é sua concisa simplicidade*”.

Referências bibliográficas

ALENCAR, José de(1854) “Ao Correr da Pena”- crônicas semanais no *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1854, Tip. Alemã, 1874.

_____ (1955). *Como e por que sou romancista*. Salvador, Livraria Progresso Editora.

ALENCAR, José de(1965). *Iracema*. Rio de Janeiro, Ed. do Centenário, José Olympio.

_____ (1965). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

_____ (1891). *Diva*. Rio de Janeiro, Garnier.

_____ (1962). *O Nosso Cancioneiro : Cartas ao Sr. Joaquim Serra*. Introdução e notas de M. Esteves e M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro, Livraria São José.

_____ (s/d). *Sonhos d’Ouro*. 2a.ed., São Paulo Melhoramentos.

_____ (1856). *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios por Ig*. Rio de Janeiro, Empresa Tipográfica do Diário do Rio de Janeiro.

CHAGAS, Pinheiro(1827). *Novos ensaios críticos*. Porto.

DIAS, Gonçalves(1921). “*Carta ao Dr. Pedro Nunes Leal*”. *Estante Clássica da Revista da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, VII, p.131.

LEAL, Antonio Henriques(1874). *Locubrações*. Lisboa,p.214-215.

XIX.Série Fundamentos, São Paulo, Ed. Ática.

MELO, Gladstone Chaves(1951).*Alencar e a “língua brasileira”*.Rio de Janeiro, José Olympio.

MENEZES Raimundo de(1977). *José de Alencar – Literato e político*.2^a ed.,Rio de Janeiro, livros Técnicos e Científicos.

NABUCO,Joachim(1900). *Minha formação*. Rio de Janeiro, Garnier.

PINTO, Edith P.(1965).”” *A contribuição de Alencar para uma expressão brasileira*”.*José de Alencar – sua contribuição para a expressão literária brasileira*. Rio de Janeiro,Ed. cadernos da serra,p.55-79.